

ESTUDO DA SAÚDE DO PROFESSOR DO ENSINO MÉDIO DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE DIVINÓPOLIS

FERNANDES, Ana Cristina Franco Rocha¹

FONSECA, Ana Paula Martins²

AMARAL, Fernanda Maria Francischetto da Rocha³

INTRODUÇÃO

O termo saúde do trabalhador refere-se a um campo do saber que visa compreender as relações entre trabalho e processo saúde-doença. Nesta acepção, considera-se a saúde e a doença como processos dinâmicos, estreitamente articulados com os modos de desenvolvimento produtivo da humanidade em determinado momento histórico. Parte do princípio de que a forma de inserção dos homens, mulheres e crianças nos espaços de trabalho contribui decisivamente para formas específicas de adoecer e morrer. O fundamento de suas ações é a articulação multiprofissional, interdisciplinar e intersetorial (BRASIL, 2001).

Segundo Carneiro (2006) de modo esquemático, pode-se dizer que o perfil de morbimortalidade dos trabalhadores no Brasil, na atualidade, caracteriza-se pela coexistência de:

- agravos que têm relação com condições de trabalho específicas, como os acidentes de trabalho típicos e as “doenças profissionais”;
- doenças que têm sua frequência, surgimento ou gravidade modificados pelo trabalho, denominadas “doenças relacionados ao trabalho” e;
- doenças comuns ao conjunto da população, que não guardam relação de causa com o trabalho, mas condicionam a saúde dos trabalhadores.

¹ Mestre em Educação Tecnológica pelo CEFET/MG, anadelio23@gmail.com

² Mestre em Educação, Cultura e Organizações Sociais pela UEMG/MG, ana.fonseca@uemg.br

³ Mestre em Educação, Cultura e Organizações Sociais pela UEMG/MG, rocha.fernanda@uol.com.br

A escassez e inconsistência das informações sobre a real situação de saúde dos trabalhadores dificultam a definição de prioridades para as políticas públicas, o planejamento e implementação das ações de saúde do trabalhador, além de privar a sociedade de instrumentos importantes para a melhoria das condições de vida e trabalho.

O incentivo a realização de pesquisas na área favorece a introdução de novos conceitos e aproxima a academia dos serviços, possibilitando “maior investigação e exploração das informações produzidas na atividade pericial que constituem instrumentos privilegiados para o entendimento do perfil de morbimortalidade dos trabalhadores e para o desenvolvimento das ações de promoção à saúde” (CARNEIRO, 2006).

Especificamente em relação ao trabalho docente é fato que o processo de globalização trouxe novas definições para as políticas educativas (CORAGGIO, 2000), e conseqüentemente promoveu mudanças no processo de trabalho e na gestão escolar. É escassa a literatura sobre condições de trabalho e saúde de docentes, principalmente no nível universitário, quando comparada a outras áreas trabalhistas; até pouco tempo, os estudos privilegiavam as relações entre saúde e trabalho, em contextos fabris, onde a relação entre trabalho e saúde é mais direta e os riscos à saúde são mais evidentes (Araújo *et al.*, 2005). Entretanto, os professores tornaram-se um trabalhador intelectual na área de serviços (FERNANDES, 1989; OLIVEIRA, 2006).

Enfim, a orientação dominante na política educacional impõe à educação pública constrangimentos que vão desde mecanismos dos mais diferentes tipos, usados para adequá-la à lógica do mercado, até a ameaça pura e simples de privatização. São as leis do mercado tornando-se cada vez mais presentes nas relações das instituições educacionais. Assim, assistimos a um deterioramento das condições de trabalho dos docentes que tem provocado mudanças em sua atuação e função social (RESENDE, 2005).

Nóvoa (1995, 1999) e Esteve (1995, 1999) denominam de “mal-estar docente” o fenômeno decorrente dessa mudança na política educacional, o qual se relaciona ao ambiente profissional do professor, estando presentes deficiências nas condições de trabalho, falta de recursos humanos e materiais, violência nas salas de aulas e esgotamento físico. Esse quadro favorece significativo desgaste biopsíquico do educador, produzindo, segundo Rocha e Sarrierra (2006), um deslocamento do perfil das doenças relacionadas ao trabalho, destacando-se na atualidade, doenças como hipertensão arterial, doenças coronarianas, distúrbios mentais, estresse e câncer, dentre outras.

Nesse novo cenário, a sociedade delega à instituição, Escola, a competência da educação do cidadão, tanto na sua formação geral quanto para o mundo do trabalho. É a Escola, então, o espaço privilegiado para a sistematização do saber, bem como o seu tratamento teórico e modelado. Dessa forma, o sistema escolar tem sido instigado a assumir a função de espaço criador de condições que possibilitem a socialização e a produção do saber entre educadores e educandos, enquanto sujeitos sociais e culturais.

Conseqüentemente, as transformações da sociedade, as repetidas reformas educacionais e os modelos pedagógicos provocaram mudanças na profissão docente, estimulando a formulação de políticas por parte do Estado. De acordo com Souza *et al.* (2003), até os anos 60 havia uma estabilidade de emprego e uma relativa segurança material para os trabalhadores do ensino e até um certo prestígio social. Essas premissas não são observadas no cenário atual.

O professor na atualidade, para atuar junto ao educando, precisa ser criativo e flexível em relação as novas situações que lhe são apresentadas cotidianamente pela escola, além de encontrar soluções inerentes à profissão. O professor extrapolou a mediação do conhecimento do aluno, devendo o mesmo conseguir articular com a escola e com a comunidade.

Diante das novas funções delegadas ao trabalho docente, alguns estudos acerca do adoecimento do professor vêm sendo desenvolvidos, mas muitos desses estudos se

fecham em doenças ligadas ao estresse. Pouco se tem sobre as repercussões do trabalho sobre a saúde do professor.

Tavares (2012) afirma que o trabalho do docente envolve além de ensinar, investigar, relacionar interpessoalmente com os colegas de trabalho, ambiente em que trabalha, os alunos e outros elementos do trabalho. A categoria docente tem sido apontada como uma das mais expostas a ambientes com conflitos e de alta exigência de trabalho.

O trabalho docente é ao mesmo tempo um espaço de reafirmação da auto-estima, de desenvolvimento de habilidades, de expressão das emoções, o que o torna um espaço de construção da história individual e de identidade social. De outro lado, o ambiente de trabalho pode produzir “enfermidades ocupacionais”, comprometendo a saúde física e mental do indivíduo (ARAÚJO *et al.*, 2005).

Esta tematização sobre o trabalho apresenta-o como essência constitutiva do ser humano, como categoria que institui o ser social. Se o trabalho alicerça o homem, no instante em que o trabalhador é explorado e não se sente livre em sua atividade vital, torna-se estranho a ele (Oliveira, 2006). Dessa forma, o trabalho provoca sofrimento,

ameaça o próprio corpo, fadado à decadência; o mundo externo, que pode voltar-se contra ele com forças de destruição e o relacionamento com outros, colocado como talvez sendo a fonte de sofrimento mais penoso. A defesa imediata contra este sofrimento seria o isolamento, porém que o melhor caminho é o de tornarmo-nos membros da comunidade humana” (OLIVEIRA, 2006: 30).

Considerando a importância de desenvolvimento de estudos nessa área essa pesquisa pretende contribuir no sentido de gerar conhecimentos que possam subsidiar as discussões sobre a saúde dos docentes do Ensino Médio da Rede Estadual de Ensino do Município de Divinópolis. Esta investigação justifica-se quando considera que conhecer agravos decorrentes do trabalho pode contribuir na prevenção do sofrimento e do adoecimento a este relacionado, além de capilarizar saberes que venham a auxiliar na

sensibilização de gestores acerca da seriedade que o tema requer, e, por conseguinte, na melhoria das condições de vida do trabalhador docente. Considerando que o conceito de saúde não é só ausência de doença, mas também a adaptação do sujeito com o ambiente em que vive, incluindo o trabalho, objetiva-se investigar as condições de saúde autorreferidas de professores do ensino médio e a interface com sua ocupação.

METODOLOGIA

O estudo foi realizado em 06 escolas Estaduais de Ensino Médio do Município de Divinópolis com aproximadamente 141 professores. O universo da amostra foi a totalidade dos professores do Ensino Médio de Divinópolis que se dispuserem a participar da pesquisa. Os critérios de inclusão foram: Ser professor do ensino médio, pertencer a rede estadual de ensino na cidade de Divinópolis e estar ministrando aula no ensino médio a mais de 6 meses; bem como a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Já os critérios de exclusão são: a negativa em assinar o Termo de Consentimento Livre e esclarecido e o professor ter menos de 6 meses no Ensino Médio.

Os dados foram transcritos numa planilha excell e posteriormente analisados através do programa estatístico *Statistical Package for Social Sciences (SPSS)*, versão 13.0.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a coleta dos dados, os dados foram analisados de acordo com o Instrumento SF-36, e as escolas participantes obtiveram os seguintes resultados de acordo com cada questão composta no questionário:

Tabela 1: Resultados do SF-36 por questão

	E1	E2	E3	E4	E5
Questão 1	3,9	3,80	4,08	4,14	4,12
Questão 2	3,0	2,85	2,66	2,81	2,4

Questão 3	24,3	24,48	27	24,27	24,8
Questão 4	7,3	7,18	6,66	6,81	6,5
Questão 5	5,2	5,25	5,11	5,36	5,4
Questão 6	3,5	3,62	4,11	4,36	3,8
Questão 7	4,9	4,72	4,57	4,14	4,5
Questão 8	4,6	4,44	4,33	3,90	4,0
Questão 9	38,1	36,5	37,66	39,45	31,2
Questão 10	4,0	3,59	2,88	4,0	3,2
Questão 11	4,9	14,0	14,22	15,09	16

Legenda:	E3: Antônio da Costa
E1: São Vicente	E4: Martyn Cyprien
E2: Joaquim Nabuco	E5: Armando Nogueira

E como resultado final da análise do SF-36 segue a tabela abaixo, bem como as médias obtidas em todas as escolas estudadas:

Tabela 2: Resultado final do SF-36

	E1	E2	E3	E4	E5	Média das escolas
Capacidade Funcional	70%	72,40%	70%	71,35%	74%	71,55%
Limitação por aspectos físicos	82,50%	79,50%	66,50%	70,25%	62,50%	72,25%
Dor	75%	71,60%	69%	60,40%	65%	68,20%
Estado Geral de Saúde	69%	64%	66,50%	71,15%	75,60%	69,25%
Vitalidade	62%	58,10%	53,85%	61,80%	40%	55,15%
Aspectos Sociais	68,75%	65,12%	62,37%	79,50%	62,50%	67,65%
Aspectos Emocionais	73,33%	75%	70,33%	78,66%	80%	75,46%
Saúde Mental	66,80%	63,52%	71,52%	72,36%	56,80%	66,20%

A maior parte dos docentes que participaram do estudo pertencia ao sexo feminino, concordando com os estudos de Guerreiro (2016); Silva e Silva (2013), que aponta que

as mulheres exercem dentro de suas famílias o papel de educadoras, sendo então confirmada a presença maior delas no ambiente escolar em relação à minoria de homens que exercem esta profissão.

No presente estudo percebemos após a análise do instrumento que os professores têm em geral uma boa qualidade de vida e saúde, pois de acordo com as médias das escolas os índices se mantiveram acima de 70% para os domínios capacidade funcional, limitação por aspectos físicos e aspectos emocionais, e valores acima de 60% para os domínios dor, estado geral de saúde, aspectos sociais e saúde mental, somente no domínio vitalidade observou-se um escore de 55%.

Como observado neste estudo, verificou-se que os docentes têm uma boa qualidade de vida e saúde, conforme também descritos nos estudos de Santos e Marques (2013); Koetz; Rempel; Périco (2013), no qual os professores mesmo com as dificuldades encontradas para a execução do trabalho conseguem manter-se saudáveis, sem danos maiores à sua saúde.

Porém, os estudos de Pereira; Teixeira; Lopes (2013) e Cortez (2017) contradizem esta afirmativa citada acima. Trazendo que a saúde dos docentes era considerada regular ou ruim para os professores estudados.

Considerando os fatores que afetam a saúde dos professores, podem ser levantados os seguintes tópicos: como referente a carga de trabalho, que pode estar disposta em vários turnos ao longo do dia e noite, podendo prejudicar o tempo de descanso necessário; sedentarismo/sobrepeso e postura inadequada ao lecionar. Estes fatores podem prejudicar à saúde física, mental e psicossocial do sujeito, podendo afetar suas relações com pessoas e trabalho (BAIÃO e CUNHA, 2013; GUERREIRO, et al, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização deste estudo pudemos perceber que para as escolas estudadas os professores têm uma boa qualidade de vida e saúde e mantêm-se saudáveis mesmo em condições insalubres para execução da tarefa de lecionar.

Porém estes professores podem estar com algum processo de adoecimento, visto que para o domínio vitalidade os índices estiveram abaixo dos 60%, precisaríamos de estudos

direcionados ao processo saúde-doença destes para entender as patologias relatadas, bem como correlacionar o tempo de trabalho com o adoecimento.

Espera-se com este estudo fornecer dados para entidades as destinadas gestão da educação no âmbito tripartite, para que estes desenvolvam ações voltadas à melhora da qualidade de vida destes professores, oferecendo condições adequadas para o exercício da função, bem como salários dignos para que estes profissionais não precisem exercer duplas ou triplas jornadas de trabalho, pois isto pode ser prejudicial à saúde deles.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, T. M.; Sena, I.P., Vina, M.A. e Araújo, E.M. (2005). Mal-estar docente: avaliação de condições de trabalho e saúde em uma instituição de ensino superior. *Revista Baiana de Saúde Pública*, 29(1), 6-21.

BAIÃO, Lidiane de Paiva Mariano; CUNHA, Rodrigo Gontijo. Doenças e/ou disfunções ocupacionais no meio docente: uma revisão de literatura. *Revista Formação@Docente – Belo Horizonte – vol. 5, no 1, jan/jun 2013.*

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Departamento de Atenção Básica. Área Técnica de Saúde do Trabalhador Saúde do trabalhador / Ministério da Saúde, Departamento de Atenção Básica, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas, Área Técnica de Saúde do Trabalhador. – Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

CARNEIRO S. A. M. Saúde do trabalhador público: questão para a gestão de pessoas – a experiência na Prefeitura de São Paulo. **Revista do Serviço Público**, Brasília, v.57, n.1, p.23-49, jan./mar., 2006.

CORAGGIO, J.L. (2000). Propostas do Banco Mundial para a educação: sentido oculto ou problemas de concepção. Em: Tommasi, L.D.; Warde, M.J. e Haddad, S. *O Banco Mundial e as políticas educacionais* (pp. 75-193). São Paulo: Cortez.

CORTEZ, Pedro Afonso. et al. A saúde docente no trabalho: apontamentos a partir da literatura recente. *Cad. Saúde Colet.*, 2017, Rio de Janeiro, 25 (1): 113-122.

ESTEVE, J.M. (1995). Mudanças sociais e função docente. Em: Nóvoa, A. (org.) *Profissão professor*. 2ª ed. Porto, Portugal: Porto Editora.

ESTEVE, J. M. (1999). *O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. São Paulo: EDUSC.

FERNANDES, F. (1989). *O desafio educacional*. São Paulo: Cortez.

FRANCELINO, S.M.R.L. (2003). As transformações do mundo do trabalho e a atividade docente. Em: Leão, I.B. *Educação e psicologia: reflexões a partir da teoria sócio-histórica* (pp. 121-144). Campo Grande: Editora UFMS.

GUERREIRO, Natalia Paludeto; NUNES, Elisabete de Fátima Polo de Almeida; GONZÁLEZ, Alberto Durán; MESAS, Arthur Eumann. Perfil sociodemográfico, condições e cargas de trabalho de professores da rede estadual de ensino de um município da região sul do Brasil. *Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro, v. 14, supl. 1, p. 197-217, 2016

KOETZ, Lydia; REMPEL, Claudete; PÉRICO, Eduardo. Qualidade de vida de professores de Instituições de Ensino Superior Comunitárias do Rio Grande do Sul. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(4):1019-1028, 2013.

Manual de Gestão e Gerenciamento – Coordenação Técnica de Saúde dos Trabalhadores – Ministério da Saúde -Ministério da Saúde Secretaria de Atenção à Saúde – SAS Departamento de Ações Programáticas Estratégicas – DAPE Área Técnica de Saúde do Trabalhador – COSAT- 2006 1º Ed.

NÓVOA, A. (1999). Os Professores na Virada do Milênio : do excesso dos discursos à pobreza das práticas. *Educação e Pesquisa*, 25(1), 11-20.

OLIVEIRA, E.S.G. (2006) O “mal-estar docente” como fenômeno da modernidade: os professores no país das maravilhas. *Cien. Cogn.*, 7, 27-41. Retirado no *Word Wide Web*:

<http://www.cienciasecognicao.org>.

PEREIRA, Érico Felden; TEIXEIRA, Clarissa Stefani; LOPES, Adair da Silva. Qualidade de vida de professores de educação básica do município de Florianópolis, SC, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(7):1963-1970, 2013.

RESENDE, M.R.S. (2005). *Formação e autonomia do professor universitário: um estudo da universidade federal de Goiás*. Tese de Doutorado, Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP.

ROCHA, K.B. e Sarrieira, J. C. (2006). Saúde percebida em professores universitários: gênero, religião e condições de trabalho. *Revista Semestral da Associação de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)*, 10(2), 187-196.

SANTOS, Marcio Neres dos; MARQUES, Alexandre Carriconde. Condições de saúde, estilo de vida e características de trabalho de professores de uma cidade do sul do Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(3):837-846, 2013.

SILVA, Luciane Goulart da; SILVA, Marcelo Cozzensa da. Condições de trabalho e saúde de professores pré-escolares da rede pública de ensino de Pelotas, RS, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(11): 3137-3146, 2013.